



Check for updates

Guia Instrucional: Contribuições para formação política e estética

Resumo: O artigo apresenta os resultados de pesquisa qualitativa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), do Instituto Federal do Paraná – Campus Curitiba, cujo objetivo foi identificar de que maneira o cinema novo do diretor Glauber Rocha pode contribuir para a formação docente e dos estudantes de modo a cumprir e reforçar a lei 13.006/2014. O resultado obtido foi o guia instrucional para utilização do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), do diretor Glauber Rocha. O guia instrucional está baseado na demonstração do cinema como um sistema em movimento: autor-obra-público. A concepção teórica do guia fundamenta-se na arte e violência de Glauber Rocha e Adolfo Sánchez Vázquez na análise de Educação e violência de Dermeval Saviani e nas contribuições do debate marxista sobre Educação Profissional e Tecnológica.

Nilson dos Santos Morais ^{1A}, Adriano Willian da Silva Viana Pereira

1 – Instituto Federal do Paraná (IFPR) e Centro Universitário Internacional (UNINTER)

A – Contato principal de e-mail: nilson.morais@ifpr.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta o Cinema Novo, sobretudo as principais referências na formação do cineasta Glauber Rocha, tendo como pano de fundo o debate da década de 1960 sobre a cultura, política e Educação. A pesquisa apresenta o Cinema Novo como político e influenciador no modo de produção de filmes na década de 1960 até hoje, como o filme *Bacurau* de 2019, do diretor de cinema brasileiro Cleber Mendonça, característica que pode contribuir com a formação de docentes e estudantes no Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba, conforme preconiza a Lei 13.006/2014:

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 8º: “Art. 26. § 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais” (NR) Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2014).

A formação de público em cinema nacional e a tentativa de colocá-lo na escola como elemento de complementação da formação dos estudantes, data do ano de 1927, com a conhecida Reforma Fernando Azevedo, que estabeleceu o regulamento legal para projeção de filmes como forma de instrução pública.

Em 1932, como explica Franco (2011, p. 23), o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova mencionava a integração do cinema à Educação brasileira, culminando em 1937 com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (Ince) que deixou uma produção de mais de 500 filmes sobre as mais variadas temáticas e nos mais variados formatos, tanto pelas criações geniais de Humberto Mauro, quanto pela integração ao seu acervo de inúmeras produções de outros cineastas (FONSECA, 2016, p. 36).

A pesquisadora Fonseca (2016) ao fazer a radiografia da história da relação entre cinema e Educação aponta o primeiro governo Vargas (1930-1945), que via na junção entre cultura e

Educação uma nova maneira de fomentar o nacionalismo brasileiro, perspectiva, que após 1964, foi aprofundada com o afastamento dos partidos e movimentos sociais da participação social.

Na revisão bibliográfica sobre o Cinema Novo de Glauber Rocha, que diferente do que constava nas primeiras experiências de produção cinematográfica nacional, foi no final da década de 50 e início da década de 70 do século XX, que o Cinema Novo apresentou uma proposta de cinema que divergiu do que afirmava Paulo Emilio Salles Gomes (1996), de que o Brasil se interessava pouco pelo próprio passado.

Nesse sentido, a produção do guia instrucional para projeção do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha, em espaços formais e não formais de Educação, parte da demonstração de que o cinema novo é um sistema em movimento: autor-obra-público, também na concepção de arte e violência de Glauber Rocha e Adolfo Sánchez Vázquez, da análise de Educação e violência de Dermeval Saviani.

Na projeção do filme, um docente apresentará o filme Deus e o Diabo na Terra do Sol baseado nos conceitos apresentados no guia instrucional: como a fome, reforma agrária, religião, literatura, violência e cultura brasileira.

Figura 1- Guia para projeção do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol em espaços formais e não formais.

REPRESENTAÇÃO DO CORONELISMO E JUSTIÇA

Categorias teóricas: poder local, coronelismo, violência e justiça.

Cenas: o vaqueiro Manuel (Geraldo Del Rey) negocia a venda das suas vacas com o coronel Moraes, que não tem interesse em negociação com o vaqueiro. O resultado da conversa é a resolução do problema pela violência e a justiça dos donos da terra.

Tempo: 13'50" - 18'04"

Para formação sobre o tema:

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.



Fonte: Autor (2020)

O produto educacional apresenta conteúdos para formação crítica, social e cultural dos docentes e estudantes, principalmente pelas suas características cinematográficas:

Alguns dos papéis são porte Shakespeariano. Antônio das Mortes, com sua metafísica do mal, seus destinos infalíveis. Corisco, com sua ética vingadora, sua estética suicida. E o beato Sebastião, comandando o desvario místico, a poesia redentora das massas não são personagens definitivos realisticamente, nem parâmetro sociais, sociológicos ou socialistas. Encaixam uma série de injunções catalisam as conjunturas, codificam de maneira complexa as convergências dialéticas entre o humano, o imaginário e o econômico. Mas, uns papéis tão complexos, difíceis, jamais vistos no nosso cinema com uma equipe de atores com performances tão precisas, admirável, sem a menor dissonância (GRUNEWALD, 2001, p. 146, 147).

Nesse sentido, o guia instrucional vem ao encontro da publicação da Lei 13.006/2014,

que torna obrigatória a projeção de filmes nas escolas do ensino médio, podendo ser mais uma contribuição para a projeção de filmes no Instituto Federal do Paraná. O guia instrucional difere de outros projetos em desenvolvimento no IFPR, pois parte do projeto do cinema novo e da autonomia do público (docentes e estudantes) na interpretação do filme, característica que torna o guia não como a substituição da projeção da obra, mas como um suporte ou guia para que docentes e estudantes tenham a possibilidade de ter acesso ao filme e ao mesmo tempo negar a interpretação do autor do guia instrucional produzindo novos conhecimentos e interpretações sobre a realidade cultural e política da sociedade brasileira, pois os filmes do cinema novo são filmes que estão dialogando com a formação política, literária e cultural do povo brasileiro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O guia instrucional apresenta algumas categorias teóricas, como a música, a fome, a seca, o fenômeno religioso, a alienação, a violência, o papel da mulher, o poder local, a justiça, a morte como redenção e a reforma agrária. Tais categorias são discutidas na linguagem cinematográfica e na trilha sonora do filme. A metodologia para análise fílmica foi a análise do conteúdo e a análise poética (PENAFRIA, 2009).

Dessa forma, para chegar às categorias teóricas apresentadas no guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol, foi utilizada a metodologia de análise de conteúdo.

Análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre...). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema (PENAFRIA, 2009, p. 6).

Quanto à análise poética, é importante verificar a intencionalidade do diretor ao apresentar a música e a poesia, estimulando uma manifestação do sujeito que está assistindo ao filme.

Análise poética. Esta análise, da autoria de Wilson Gomes (2004), entende o filme como uma programação/criação de efeitos. Este tipo de análise pressupõe a seguinte metodologia: 1) enumerar os efeitos da experiência fílmica, ou seja, identificar as sensações, sentimentos e sentidos que um filme é capaz de produzir no momento em que é visionado; 2) a partir dos efeitos chegar à estratégia, ou seja, fazer o percurso inverso da criação de determinada obra dando conta do modo como esse efeito foi construído. Se considerarmos que um filme é composto por um conjunto de meios (visuais e sonoros, por exemplo, a profundidade de campo e a banda sonora/musical) há que identificar como é que esses meios foram estrategicamente agenciados/organizados de modo a produzirem determinado (s) efeito(s) (PENAFRIA, 2009, p. 6).

A pesquisa também teve uma fase de campo, com aplicação de um questionário para os 53 docentes que participaram primeira fase da pesquisa do mestrado, cuja finalidade era verificar a validação do produto educacional – guia para projeção do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol em espaços formais e não formais de Educação, Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos filmes e nas músicas de Glauber Rocha observa-se a interpretação do conceito de povo brasileiro, principalmente um povo em contato com a sua nacionalidade, como o caso do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol e a música “a praça é do povo”, no limite, afirma-se que Glauber não trabalha os conceitos didática/épica e épica/didática sem uma



intencionalidade, ao contrário, Glauber buscou com a arte a função de educar as massas a partir da pedagogia da violência para a tomada de consciência e de poder.

Deste violento processo dialético de informação, análise e negação, surgirão duas formas concretas de uma cultura revolucionária: a didática/épica, a épica/didática.

A didática e a épica devem funcionar simultaneamente no processo revolucionário:

A didática: alfabetizar, informar, educar, conscientizar as massas ignorantes, as massas médias alienadas.

A épica: provocar o estímulo revolucionário.

A didática será científica.

A épica será uma prática poética, que terá de ser revolucionária do ponto de vista estético para que projete revolucionariamente seu objeto ético (...).

Uma revolução econômica e política que se desliga de uma revolução cultural torna-se insuficiente na medida em que conflita o homem entre sua liberação econômica e seu atraso mental (ROCHA, 2003, p. 67).

Observa-se que o autor demonstra como o filme, a música, a arte e a cultura são elementos fundamentais para buscar a alteração e a formação de uma consciência revolucionária e, portanto, formação política de público a partir da projeção de filmes do Cinema Novo.

A questão da violência na sociedade capitalista constitui um debate de longa duração, como o caso da violência revolucionária da burguesia ao destruir o modelo feudal de produção, como observa Marx: “o poder estatal moderno é apenas uma comissão que administra os negócios comuns do conjunto da classe burguesa. A burguesia desempenhou na história um papel extremamente revolucionário” (MARX; ENGELS, 1998, p. 09-10).

A história demonstra que as transformações sociais, educacionais e culturais constituem um processo de violência, não no sentido da violência simbólica de Pierre Bourdieu e de Althusser e os aparelhos do Estado. Aqui, afirma-se a violência no sentido de Vázquez (2007) “a transformação real, efetiva, exige que o objeto seja forçado ou violentado, pois só assim suas possibilidades intrínsecas de transformação podem realizar-se”.

O autor apresenta a relação da arte com a violência, no sentido de uma práxis de tomada de consciência, ou em outros termos, a violência causada no sujeito ao acessar a criação e/ou produção artística altera sua consciência de forma violenta, pois sai do estágio de passividade para um de práxis e ação criativa.

Disso resulta que tanto nas práxis material produtiva como na artística, a violência só existe do lado do sujeito, cumprindo, por sua vez, uma dupla função: por um lado, como negação de uma determinada legalidade (ou seja, destruição de uma forma, de uma ordem, de uma realidade) e, por outro, como negação dessa negação, negação dialética da matéria que resiste a ser vencida para receber, ao fim, uma nova legalidade. A violência em si, como simples negação, não é criadora; não basta destruir uma legalidade para que venha a emergir uma nova realidade. A violência tem de estar sujeita, do mesmo modo, ao fim ou a forma ideal que se queira plasmar: Quando falamos - como neste caso - de uma práxis violenta, queremos dizer que certa violência está a serviço da própria práxis. (VÁZQUEZ, 2007, p.373-374).

Afirma-se que o processo de produção do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol funda-se no conceito de violência projetada na tela do cinema, na movimentação dos personagens e da imagem com a câmera na mão, nesse sentido dialoga com o conceito de violência de Adolfo Sánchez Vázquez, no seu livro Filosofia da Práxis escrito em 1967, período de lutas anticoloniais.

Pode-se dizer que filmes como Vidas secas e Deus e o Diabo na Terra do Sol inventaram uma estética e “escrita” do sertão. Estética da crueza e do sertão, trabalhada na montagem, no corte seco, no interior da imagem e do quadro, na luz estourada, na fotografia contrastada, no uso da câmera na mão. Estética cinemanovista que tinha como objetivo evitar a folclorização da miséria e que colocava uma questão fundamental: como criar uma ética e uma estética para essas imagens de dor

e revolta? (BENTES, 2007, 245).

Tema observado na obra revolução do Cinema Novo onde Glauber Rocha tece críticas ao pensamento colonialista dos países do primeiro mundo, também se observa no pensamento de Vázquez (2007) e Saviani (2015); (2012) e (2019).

A ruptura com os racionalismos colonizadores é a única saída. As vanguardas do pensamento não podem mais se dar ao sucesso inútil de responder à razão opressiva com a razão revolucionária. A revolução é a anti-razão que comunica tensões e rebeliões do mais irracional de todos os fenômenos que é a pobreza (ROCHA, 1981, p.219-220).

Ivana Bentes pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que o Cinema Novo e, principalmente Glauber Rocha, instituíram nos filmes de produção nacional uma “pedagogia da violência”, ação pedagógica que ainda pode ser observada em filmes como Carandiru e Bacurau.

Em grandes linhas poderíamos colocar de um lado o cinema da romantização da miséria e sua contrapartida, a “pedagogia da violência”, que marca alguns filmes do Cinema Novo, até chegarmos ao contexto contemporâneo, em que a violência e a miséria são pontos de partida para uma situação de impotência e perplexidade e a imagem das favelas é pensada no contexto da globalização e da cultura de massas (BENTES, 2007, 245).

O debate sobre uma pedagogia da violência no interior da sociedade brasileira pode ser observado, por exemplo, na forma dos discursos do detentor do poder central e local com a proposta de militarização do Ensino médio no Paraná, uma vez que os detentores do poder entendem a violência como a passagem do estado de passividade para o uso da força política para a transformação do estágio anterior da sociedade, portanto, o estado usa do “monopólio legítimo da força” para controlar as massas e a Educação.

Nesse sentido, o tema da autonomia e formação crítica precisam estar no interior da Instituto Federal do Paraná, pois somente com uma formação integral do sujeito poderemos objetivar uma sociedade mais justa e solidária.

O tema da violência e da autonomia do sujeito foram apresentados ao público nos filmes do cinema novo, caracterizado como pedagogia da violência e apresentada no manifesto estética do sonho, a especialista afirma:

Glauber vai dar um sentido estético, ético e místico a palavra Revolução. Transe e crise são condições de um cinema diferencial que nasce dos impasses diante do que é “terrível demais, belo demais, intolerável”. Algo que excede nossa capacidade de reação: uma beleza ou uma dor forte demais. Ao invés de um pensamento ou de um cinema que tolera e suporta praticamente qualquer coisa. Do exercício da crise, nasce sua pedagogia ou estética da violência. Nos seus filmes, o povo é chicoteado, espancado, amordaçado, fuzilado. Ao invés de condenar “moralmente” a violência e exploração, representa essa violência com tal radicalidade e força que ela passa a ser um intolerável para o espectador (BENTES, 2002, 5).

Observa-se como na pedagogia da violência apresentada por Bentes (2002) uma relação estreita com a proposta de formação de política do público numa perspectiva da arte como transformadora da realidade e, portanto, revolucionária. Nesse sentido, o guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol poderá contribuir para a formação política, estética, moral e cultural de docentes e estudantes do ensino médio integrado, na perspectiva de uma pedagogia contra hegemônica, como afirma Saviani (2015) “inserindo-se na luta pela transformação da sociedade atual”. Para o pesquisador da pedagogia histórico-crítica, a Educação está a serviço das classes dominantes, tendo o educador que posicionar-se a favor da educação da classe trabalhadora, sendo “a neutralidade é impossível”.

O modelo de sociedade dividida em classes sociais de interesses antagônicos coloca as

Instituições de Educação Profissional e Tecnológica no centro do debate das transformações sociais e econômicas, pois a tecnologia e a inovação são conceitos centrais nos documentos de constituição e regulamentação da atividade docente e da pesquisa. Como se observou na interpretação de Karl Marx, as transformações sociais são também frutos das transformações tecnológicas. O que coloca os docentes, técnicos administrativos e estudantes como sujeitos do processo de transformação social, entendendo o trabalho como princípio educativo.

É nesse quadro da educação escolar se situa. E os professores tanto podem integrar-se - ainda que não intencionalmente - na luta de classes da burguesia desempenhando o papel de contornar acidentes da estrutura, de impedir que as contradições estruturais venham à tona, de segurar a marcha da história, de consolidar o status quo, quanto podem desempenhar o papel inverso de, a partir dos elementos de conjuntura, explicitar as contradições da estrutura, acelerar a marcha da história, integrando-se na luta de classes do proletariado e contribuindo, assim, para a transformação estrutural da sociedade (SAVIANI, 2015, 107).

Portanto, mesmo assumindo as limitadas contribuições do guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol para docentes e estudantes da Educação Profissional e Tecnológica, a pesquisa dialoga com uma concepção de arte e cultura como ferramenta da transformação social, e com as concepções de Educação integral do campo de intelectuais marxistas, buscando para além da sociedade capitalista uma educação integral do sujeito.

Nesse sentido, afirma-se a proximidade com o projeto de lei de criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que abre espaço de discussão sobre o papel ocupado pela Rede Federal na manutenção da dualidade educacional, ou ao contrário, o papel ocupado pelo sujeito no projeto de transformação econômica e cultural da sociedade brasileira, nesse sentido, não centrada nas características individualistas da pedagogia das competências

Podemos apontar como novidades associadas à emergência do projeto educacional pautado na noção de competências os seguintes aspectos: a ideia de uma capacidade efetiva em oposição à ideia de capacidade potencial, o entendimento das capacidades profissionais em movimento e não mais fixadas em um posto de trabalho, a sua focalização no indivíduo e a sua associação as capacidades humanas amplas antes desvalorizadas e desestimuladas nos ambientes produtivos (ARAUJO; DO SOCORRO RODRIGUES, 2010, p.54).

Dessa forma, parte-se desses pressupostos e da percepção dos docentes do IFPR, Campus Curitiba, sobre a utilização de filmes nacionais, e do conhecimento prévio da obra do diretor cinemanovista Glauber Rocha e seus filmes políticos, que apresentou a sociedade brasileira nas suas principais características políticas, culturais e éticas a partir do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol.

A violência das aberrações que o espetáculo promove instaurando o horror e a adstração massiva de um não olhar sobre a complexidade do real, bem como sua irracionalidade destrutiva, consolida um tipo de educação que não permite imaginar outras formas de organização social. A perversa e ininterrupta estetização do real empobrece a reflexão, os sentidos humanos e a práxis na sua capacidade de criar novas convivências humanas. O desejo de não se deixar esmagar por esta “espetacularização” da vida e do horror que a fundamenta passa pela criação de experiências sociais que promovam uma politização da estética (CAMPOS; LOBO, 2010, p. 190).

Assim o guia instrucional constitui-se como um dos resultados da pesquisa, sendo mais um instrumento político e pedagógico para a formação de docentes e estudantes de nível técnico médio, na perspectiva de análise crítica de estética da imagem, que de acordo com Campos & Lobo materializa-se na “intenção de refletir sobre as potencialidades da Educação Popular [...] a crítica da imagem como crítica da economia política e a crítica dos processos

de estetização do real, tendo como horizonte a politização da estética”, no caminho de uma Educação emancipadora para além da sociedade contemporânea.

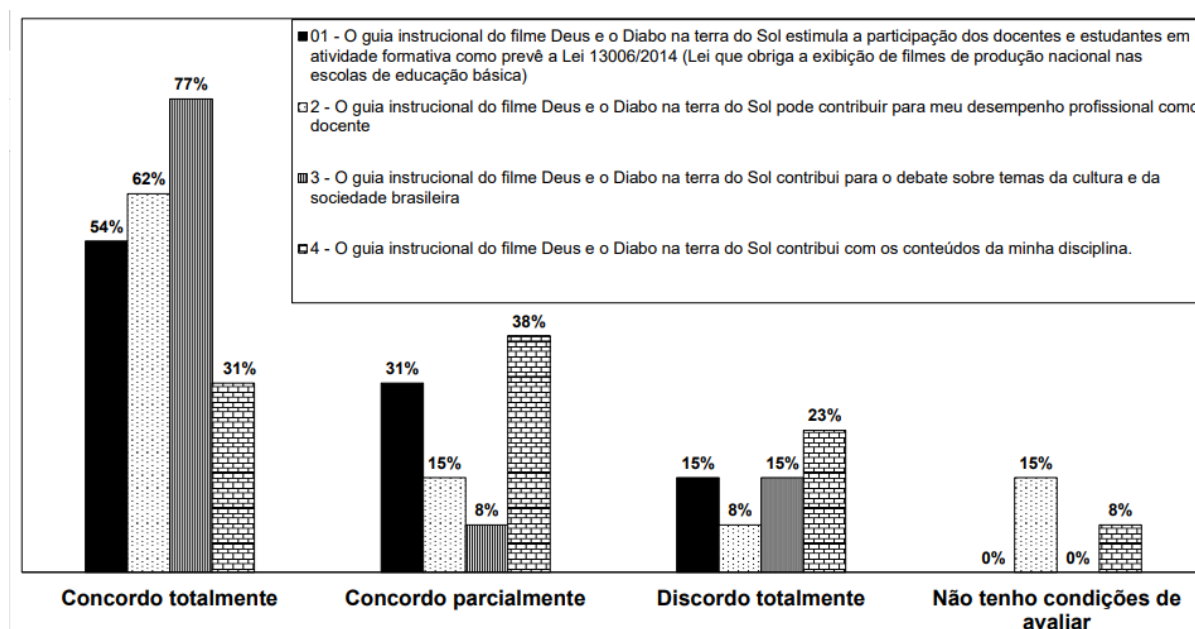
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando os 211 docentes do Campus Curitiba, total de efetivos e substitutos, tendo como resultado final de respondentes 53 destes docentes na primeira fase da pesquisa. Do total de 53 docentes participantes da pesquisa na primeira fase, aproximadamente 25% do total participaram da segunda fase da pesquisa, destes 62% acreditam no totalmente que o guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol contribui para o desempenho profissional docente.

Nota-se, portanto, que apesar de um certo hermetismo dos filmes do Cinema Novo há abertura por parte dos docentes em se voltarem a esse momento da história da cultura brasileira. Nesse sentido, um guia instrucional como o proposto aqui bem pode ser o meio para mediar essa relação que ainda permanece no plano da mera disposição, e não da efetividade.

A avaliação do guia instrucional foi desenvolvida através de um questionário com quatro questões, cada uma com as seguintes alternativas: concordo totalmente, concordo parcialmente, discordo parcialmente, discordo totalmente e não tenho condições de avaliar. O questionário foi enviado para os 53 docentes que participaram da primeira fase da pesquisa, destes 13 responderam o segundo questionário, sendo descartadas 3 respostas, duas pelo fato e-mail não constar banco de dados do IFPR e a outra pelo docente não ter participado da primeira fase da pesquisa.

Figura 2- Avaliação do guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol



Fonte: Autor (2020)

A avaliação demonstrou que na percepção docente o guia do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol contribui para formação cultural e social, como a formação docente e atividades formativas como prevê a lei 13006/2014, enquanto a média de docentes que discordam totalmente do guia apresenta o percentual de 15,25%.

Percebe-se que 77% dos participantes da segunda fase da pesquisa entendem que o guia instrucional do filme Deus e o Diabo na Terra do Sol contribui para o debate sobre temas

da cultura e da sociedade brasileira. Sobre a formação docente, os resultados apontam que 54% dos participantes entendem que o guia pode ajudar na sua formação docente, o que significa a possibilidade de produção de conhecimento na relação entre docente e estudantes na atividade formativa no interior do Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba.

Outro dado importante, pode ser observado no questionamento sobre a relação entre o guia e a disciplina do docente, metade dos que responderam que o guia contribui para o debate sobre temas da cultura e da sociedade brasileira, entendem não existir contribuição do guia para os conteúdos da disciplina ministrada, denotando assim, que os conteúdos das disciplinas ministradas estão afastados da sociedade e da cultura brasileira.

Portanto, a partir dos resultados encontrados, mesmo a amostragem não contemplando a totalidade dos 53 respondentes da primeira fase, pode-se inferir que o guia instrucional se constitui um instrumento formativo disponível para docentes e estudantes no Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba e movimentos sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa verificou-se o Cinema Novo como um cinema político no plano teórico e na projeção da imagem frente ao espectador (ativo). Nesse sentido, afirma-se a união com o modelo de educação popular proposta por Paulo Freire e com os intelectuais da Educação ligados a concepção crítica de sociedade, evidenciando-se, por exemplo, a ligação entre o conceito de estética da violência de Glauber Rocha e as concepções de violência e arte apresentadas por Adolfo Sánchez Vázquez, e de Educação e violência na análise de Dermeval Saviani, como também nos teóricos da Educação Profissional e Tecnológica como Ronaldo Marcos de Lima Araújo e Gaudêncio Frigotto.

Percebe-se que a violência faz parte da constituição da sociedade e da formação do sujeito na sociedade capitalista, conduzindo ao modelo excludente da sociedade capitalista contemporânea e buscando-se uma Educação para além desse modelo.

A partir dos resultados encontrados, pode-se inferir que o guia instrucional, constitui-se um instrumento com potencial para atividades formativas de docentes e estudantes no Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba e para os espaços de Educação não formal.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723>. Acesso em: 04 ago. 2020.

ARAUJO, R. M.; DO SOCORRO RODRIGUES, D. Referências sobre práticas formativas em educação profissional: o velho travestido de novo frente ao efetivamente novo. **Boletim Técnico do Senac**, v. 36, n. 2, p. 51-63, 19 ago. 2010.

BENTES, I. Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, jul-dez, 2007. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu_n15_Bentes.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRASIL. **Lei 13006/2014 de 26 de junho de 2014**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. Acesso em: 05 ago. 2020.

BRASIL. **Lei Nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008**. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm.

gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm . Acesso em: 05 ago.2020.

CAMPOS, Marília; LOBO, Roberta. Crítica da imagem e educação popular. In: LOBO, Roberta (Org.) **Crítica da imagem e educação popular reflexões sobre a contemporaneidade** / Organização de Roberta Lobo. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.

FONSECA, M. Cinema na escola pra quê?. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, América do Norte, 1318 07, 2016.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GRUNEWALD, José Lino. **Um filme é um filme: O cinema de vanguarda dos anos 60** – Organização Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LOBO, Roberta (Org.) **Crítica da imagem e educação: reflexões sobre a contemporaneidade** / Organização de Roberta Lobo. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. **Estud. av., São Paulo**, v. 12, n. 34, p. 7-46, Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago.2020.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s) - **VI Congresso SOPCOM, abril, 2009**. Disponível: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 05 ago.2020.

ROCHA, Glauber. **Revisão Crítica do cinema novo**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

SAVIANI, D. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Campinas, v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 05 ago.2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. Sobre a natureza e especificidade da educação. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1991.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. Campinas, SP: 2019.

SAVIANI, D. **História do tempo e tempo da história: Estudos de historiografia e história da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2012.

VASQUEZ, A. Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2007.